

MULHERES, NEGRAS E GESTORAS: PORQUE SIM!

Letícia Godinho e Renata Souza-Seidl
Organizadoras

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2021



5

DANIELA

TIFFANY

Daniela Tiffany do Prado de Carvalho
Letícia Godinho
Renata Souza Seidl

1. Origens

Eu nasci em Belo Horizonte. Mas só nasci. Minha mãe morava em Ouro Preto, meu pai é de lá. Minha mãe dava aula no Polivalente, em Ouro Preto, e veio para BH só para que eu nascesse. Morei em Ouro Preto até os sete anos. De Ouro Preto, me mudei para Conselheiro Lafaiete, eu e minha mãe fomos morar com a minha avó. Depois, moramos em Juiz de Fora; com doze anos, voltei para Belo Horizonte, onde estou desde então.

Sou filha única. Até os três anos, meu pai morava com a gente. Ouro Preto era um lugar muito bom para crescer, eu ficava muito solta. Era um ambiente protegido, todo mundo me conhecia, e conhecia minha mãe. Ela conta que, com seis anos de idade, eu era “guia turístico”. Ia para a praça conversar com turistas; ficava ouvindo os guias falando casos e histórias e ia aprendendo. Morava no Bairro Antônio Dias, perto da mina do Chico Rei; então, eu levava o povo da praça para a mina, para contar a história do Chico Rei. A dona da mina gostou da minha iniciativa e me dava uns trocados para incentivar.

Sou filha única de uma mulher negra e de um homem branco. Isso é algo importante da minha trajetória, porque o lugar da mestiçagem me confundiu, muito, sobre a relevância da pauta racial em minha vida.

A avó: contraditória e fascinante!

Minha avó materna se casou três vezes, com dois homens negros e um homem branco, e foi esse homem branco que criou minha mãe e seus irmãos, em um total de oito filhos. Ela teve experiências de vida muito difíceis com os dois primeiros maridos e quando se casa com esse homem branco, ele vira uma referência muito importante de ascensão social e de uma vida sem violência. Então, essa questão do embranquecimento é muito presente na minha família: está vinculado tanto a uma melhora de vida, quanto à questão de viver sem violência. Minha avó prescrevia para as filhas se casarem com homens brancos, reforçando que os homens negros seriam absolutamente prejudiciais.

Minha avó era uma pessoa contraditória e fascinante! Porque ao mesmo tempo em que ela era super “quadrada”, às vezes machista e racista, em outros aspectos da vida, tinha práticas muito avançadas. Minha avó foi fazer curso de Direito com 54 anos de idade. Meu tio a desafiou; mas, mesmo assim, ela fez o vestibular, e passou, junto com ele e a minha tia mais velha. O primeiro lugar em que advogou foi no Leprosário, na época, muito mobilizada que estava com essas causas. Então, ela tinha umas práticas muito interessantes, de uma mulher que questionou, a vida inteira, o fato de não poder estudar, de não poder estar nos espaços públicos. Era algo que ela queria muito. E tinha certo ressentimento mesmo, de muito nova ter sido obrigada a se casar. Então, ela também ensinou para as filhas que fossem independentes, ensinou o valor de fazerem concurso público, de terem o próprio dinheiro e de não dependerem dos homens. Fui criada com essa perspectiva: de que *elas* eram as protagonistas, e os homens, coadjuvantes.

Minha mãe e meu pai: referência e perda

Minha mãe se separou do meu pai quando eu era muito nova, eu tinha três anos. Por causa do incentivo da minha avó a minha mãe fez faculdade de Letras, foi professora e depois, também fez Direito. Portanto, para mim, estudar sempre foi uma coisa muito enfatizada. Lembro-me que na infância eu tinha muitos livros. Minha mãe contava que começava a ler pra mim, depois cansava; não queria ficar lendo historinha, então me incentivou a ler muito cedo. Ler e estudar sempre foi uma coisa muito natural para mim e acho que foi um grande diferencial, pois nunca tive dúvida de que ia fazer um curso superior.

Por mais que eu me identifique com a trajetória das mulheres da minha família, sempre quis ter a minha trajetória. Por exemplo, minha mãe se recusou várias vezes a ocupar espaço de direção

na escola, falava que ia perder a liberdade. Ela queria ter a possibilidade de questionar – e era considerada muito briguenta. Por isso, teve muitas dificuldades. Quando foi dar aula do Colégio Estadual Central, sofreu várias formas de discriminação racial, e por mais que fosse uma mulher de muitos enfrentamentos, sempre se recusou a estar nesse espaço da gestão – mais formal, da linha frente. Isso trouxe muito desgaste e, ao mesmo tempo, muitas perdas financeiras.

Eu, por outro lado, falava: “Não. Quero estar no espaço que decide”. Sempre tive esse perfil. Na escola, por exemplo, fui líder de turma em quase todos os anos; fui presidente da comissão de formatura; muita coisa nesse sentido. Na faculdade, passei na UFMG, em um momento em que ainda não tinha as cotas raciais. Entrei no vestibular de 1999, minha turma tinha 32 alunos, e apenas 4 eram negros (sendo que uma era de Cabo Verde). E eram alunos muito bem de vida, de forma geral, com poder aquisitivo muito alto. Quando a gente começou a organizar a formatura, queriam fazer uma festa supercara, que ia excluir todo mundo que não tinha condição de pagar. Fiquei muito indignada com aquilo e fiz um movimento! Mudamos a composição da comissão, para todo mundo poder participar, com preço justo. Virei presidenta da comissão de formatura. Uma amiga falava: “Essa é a melhor configuração: uma presidenta que é pobre e o povo que organiza, rico”. Então, eu sempre fui muito movida por isso. E acho que é resultado desse acúmulo de coisas.

A família da minha mãe é uma referência muito forte para mim, porque perdi meu pai muito cedo. Meu pai foi assassinado. Quando eu ainda tinha oito meses, foi preso, por alguns anos, e isso me marcou muito. Acho, inclusive, que algumas escolhas profissionais têm a ver com isso. E quando eu tinha dezesseis anos, ele foi assassinado; se envolveu numa briga. É algo interessante, mas também contraditório: porque se, por um lado, era valor para a família da minha mãe um homem branco de olho claro; para a família do meu pai, casar-se com uma mulher negra era praticamente uma contaminação. Então, apesar de a minha mãe ser uma pessoa que trabalhava, de ter uma vida muito organizada, o fato dela não ter grana, não ter determinado *status*, enfim, era mal visto pela família do meu pai. Eu ficava nesse lugar meio estranho.



Daniela e sua minha mãe, Graça. Ouro Preto, 1981.

Crédito: Acervo Pessoal

2. A escolarização

O motivo de a gente sair de Ouro Preto, é que, como fui alfabetizada mais cedo, entrei para o grupo escolar achando tudo muito atrasado, não queria ficar na escola. E fugia. Minha mãe começou a ficar preocupada, falava que eu era muito respondona, então resolveu me mudar para a casa da minha avó, para que ela me pusesse disciplina. Mas foi uma infância muito boa! De soltar pipa, de brincar muito. De ser uma criança! Era muito bom... mas até esse momento, quando virou um problema, uma coisa conflituosa. Mas ser uma criança esperta me ajudou a ter confiança. Por exemplo, eu mudei muito de escola, mas essa confiança me ajudava a chegar nas escolas novas. Nunca fui uma criança travada, inibida, eu sabia que eu ia dar conta das coisas! Saber que era boa aluna, que dava conta dos exercícios, sempre foi uma ferramenta que me ajudou a chegar.

Mesmo com todas as dificuldades que a gente tinha para estudar, minha mãe sempre que pôde tentou me colocar em escola particular. Mas depois acontecia que não tinha jeito de pagar, aquela coisa toda. Por isso, mudei muito de escola ao longo da vida estudantil, mas sempre com essa perspectiva de que eu ia fazer faculdade. Acho que isso fez toda a diferença. Fico lembrando as pessoas com quem eu convivía, que tinham como horizonte se formar no segundo grau, no máximo. E para mim, não era o suficiente.

A faculdade: Para além de Freud, Skinner e Lacan

Quando meu pai morreu, foi a primeira vez que pensei em fazer Psicologia. Na época, queria trabalhar com dependentes químicos, aquela coisa de salvar os outros. Lembro que, na missa de sétimo dia do meu pai, ouvi na igreja um depoimento de uma mulher que tinha perdido o pai, também assassinado. Ela resolveu visitar um homem preso lá na Nelson Hungria¹, se apresentar para ele e falar aquelas coisas... assim, de filme. Lembro que chorei muito com essa história. Ela conta que, depois que foi embora, recebeu uma carta dele se desculpando; falando do que tinha feito e o quanto a visita dela fez ele repensar. Ele já tinha matado algumas pessoas, mas, com a visita dela, pensou no que tinha feito pela primeira vez. Um tempo depois, ele morreu. E ela leu essa carta, que me marcou muito. Fiquei com isso de “cadeia” na minha cabeça, era uma coisa que me interessava muito.

O primeiro vestibular que fiz, logo que saí do terceiro ano de uma escola pública, foi para Direito – porque lá em casa muita gente fez Direito. Mas depois fiz um ano de cursinho e, no último minuto, resolvi fazer Psicologia. O pessoal ficou meio decepcionado, achava que era uma perda de potencial: “Para que você vai ser psicóloga? Você é advogada!”. Essa coisa do *status* e tudo mais.

¹ Unidade prisional localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais.

Fui fazer faculdade. Eu questionava a perspectiva clínica na Psicologia para mim – de estar com uma pessoa dentro de um consultório, discutindo questões da vida. Por mais significativo que isso fosse, queria pensar como as pessoas chegavam a determinados espaços, como pensar em políticas que atendessem a muita gente. Sempre pensei muito no contexto. Até os estágios que fiz tinham a ver com isso. Era no Morro das Pedras²; ou era atendendo gente que vinha com algumas questões sociais e que não eram “a neurose da neurose”. Era para pensar como a gente pode mudar uma lógica, um sistema que produz determinados sofrimentos. Acho que é um pouco esse o motivo desse percurso, uma inquietação muito grande. O curso em si, me atendia pouco; então, fui fazer estágio fora, iniciação científica, vários projetos de extensão, para tentar entender como a Psicologia poderia me ajudar para além daquilo que me estava sendo apresentado, para além do Freud, do Skinner e do Lacan. E foi muito bom, acho que fez uma grande diferença uma formação que extrapolava um pouco o currículo.

Fui a primeira da minha família a fazer uma faculdade pública, eu tive essa sorte. Na época, tinha que ser universidade pública mesmo. Não tinha Fies³; a universidade particular era muito distante para mim. Entrei na UFMG em 1999 e não havia cotas ainda. Na verdade, participei desse debate na UFMG, do início das conversas mais efetivas sobre o tema. Na minha sala, éramos 4 alunos negros, sem nenhum debate racial, durante todo o meu curso, muito diferente do que é hoje: a universidade não fazia esse debate; a Psicologia era basicamente clínica.

Nesse contexto da universidade, tudo era muito desigual. Minha turma tinha muita gente com muito dinheiro, muita grana mesmo. Me lembro que, no primeiro semestre, algumas alunas da minha turma estavam indignadas com o banheiro da Fafich: “Eu devia ir pra uma universidade privada, porque essa aqui é nojenta..”. E eu achava ótimo até o fedor da universidade! Era uma coisa muito intrigante viver essa realidade. Às vezes, quando ia em festa na casa de colega, o apartamento da pessoa era um andar inteiro no Mangabeiras⁴. Eu falava: “Gente, de onde vem esse povo?”. Mas, por outro lado, também foi muito bom me situar nesse contexto.

A universidade foi um divisor de águas na minha vida. Lógico que me incomodavam, às vezes, algumas precariedades, mas estar numa faculdade pública era a coisa mais fenomenal do mundo. Não queria luxo nenhum! Fui bolsista da FUMP; era considerada “carente nível dois” - isso é horrível, não é? Mas tinha todos os benefícios do bandeirão e recebia uma ajuda de custo.

2 Região (favela) de Belo Horizonte de alta vulnerabilidade social.

3 Política de financiamento estudantil, do governo federal, para o ensino superior.

4 Bairro de alto poder aquisitivo da cidade de Belo Horizonte.

Em um ambiente embranquecido

Até o período da faculdade, eu me relacionava principalmente com pessoas brancas. Morei com um colega de turma que era branco. Eu reproduzia toda aquela lógica, sem saber que isso tinha a ver com várias questões a respeito da miscigenação e do racismo introjetado. Era uma perspectiva de que eu era uma mulher universitária, que meus pares eram homens que também estavam cursando um curso superior e eram predominantemente brancos. Estava num ambiente muito, muito embranquecido. Mas também eu não enxergava os homens negros da forma como hoje. Moro atualmente com meu companheiro, ele é negro. E isso tem a ver com meu amadurecimento sobre a questão.

A universidade melhorou muito, mas eu não atribuía nada do que passei ao atravessamento racial, como tenho consciência agora. Fiz anos de terapia. Toda a minha autoconfiança, que tive da infância até os 07 anos, foi se perdendo na adolescência, principalmente no início da idade adulta. Eu era muito insegura em relação a minha aparência. O “ser boa aluna” foi virando, na adolescência, um problema: eu já não era a aluna esperta, era *nerd*. Era a aluna feinha que tira nota boa. Isso prejudicava muito minha autoestima. Eu não sabia me arrumar, não tinha isso de uma valorização da beleza negra.

O cabelo era um problema; aí, alisava o cabelo. A forma do seu corpo era um problema. Tudo era problema. E ficava muito ali desejando ser escolhida por alguém. Não *eu* escolhendo, não *eu* participando ativamente. Depois de fazer muita terapia, mesmo com muitas terapeutas engajadas em questões sociais, até 28 anos de idade, nunca tinha dado a importância da pauta racial à minha vida. Várias questões que sentia, que vivia, poderiam ser denominadas como efeito do racismo. Eu achava que era da minha personalidade, da minha baixa autoestima.

Eu tinha um amigo na universidade, o Cristiano Rodrigues, que falava que queria ser doutor. Eu não entendia o que era ser doutor. Quando entrei para a faculdade, não sabia que existia mestrado e doutorado. Minha questão era formar rápido e começar a trabalhar, porque sempre tive muita consciência de que o que vivia já era muito, em termos de poder. Só comecei a trabalhar depois de formada, e isso no mundo em que vivia era muito privilégio. Não podia falar assim: “Vou sair, formar, fazer um mestrado”. E o Cris era alguém muito impressionante para mim, porque foi a primeira pessoa negra que eu ouvi na vida dizendo que queria ser doutor.

Quando fui fazer o curso de Especialização na Fundação João Pinheiro, em Segurança Pública e Justiça Criminal, com aquele tanto de polícia, foi muito bom. E o professor Eduardo Batittuci foi muito importante, porque foi meu orientador e a primeira pessoa quem me falou: “Acho que você devia fazer um mestrado”. E eu respondo: “Mas como? O que é isso? Para quê?” Mas eu cismo muito

com dar aula, quero dar aula, então resolvi que ia fazer um mestrado. Depois dessa especialização, voltei a fazer disciplina isolada com a professora Sandra Azeredo. Mas aí já queria outro referencial, não queria um curso só com Foucault; queria a mulherada preta para ser minha referência teórica.

3. Trajetória profissional

Eu me formei e permaneci um tempo sem saber onde ia trabalhar, o que ia fazer. Tentei ficar um tempo no consultório, mas não me adaptei. Então teve um processo seletivo do Instituto Elo⁵, para trabalhar com uma política voltada a pessoas egressas do sistema prisional. Ninguém fez um processo seletivo mais feliz do que eu! Eu amava, era apaixonada com cadeia – um trem mais maluco! Fiz o processo seletivo, mas não entrei de primeira.

Demorei a conseguir trabalho, mas depois que entrei, tive três promoções em três anos. Eu havia entrado para a política de prevenção à criminalidade, no governo do estado, no final de 2005. Fui trabalhar com os egressos do sistema prisional em Ribeirão das Neves. Minha mãe ficou desesperada: “Minha filha não tem jeito! Fez Psicologia e depois vai trabalhar com preso!”. Mas sempre fui muito insistente, queria aquilo mesmo. Como era uma conquista muito importante, me dedicava muito além do solicitado. Era uma técnica apaixonada: eu ia, conhecia a cadeia, lia muito... Eu sempre fui assim, ávida por esmiuçar o problema e resolvê-lo na fonte. Em pouco tempo, virei uma referência como técnica.

Depois, mudei de Centro de Prevenção⁶, virei supervisora desse programa – tudo muito rápido, em três anos. Mas ficava muito inquieta de não ter uma experiência dentro do sistema prisional. Para mim, não adiantava ficar do lado de fora da penitenciária tentando conseguir carteira de identidade para o preso quando saía; queria resolver lá dentro. Então, como fazer?

Foi nesse momento que fiz o curso de Especialização na Fundação João Pinheiro. Quando concluí, em 2008, me candidatei para uma vaga para trabalhar no Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto, para Diretora de Atendimento e Ressocialização. Eu tinha 28 anos de idade e uma enorme vontade de trabalhar lá, mas nem imaginava o que era o dia a dia de uma unidade prisional. Mas eu era tão apaixonada por aquilo, que as pessoas acreditavam comigo que seria possível.

Lembro que comecei em outubro e a diretora que estava lá na época ficou apavorada: “Quem mandou para cá essa menina? O povo está ficando louco”. A unidade estava passando por uma

⁵ Organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que à época era responsável pela execução da política de prevenção à criminalidade no âmbito estadual.

⁶ Centro de Prevenção à Criminalidade – unidade de referência operacional da execução da política de prevenção, no âmbito estadual.

intervenção, mudança de diretoria, a situação estava supertensa. Um dia a diretora me chamou e falou: “Olha, quero te dar uma orientação, para você não andar sozinha na unidade, porque as presas estão muito descontentes com a troca de funcionária. A pessoa que você substituiu era muito querida, então toma cuidado”. E eu: “Não vou ficar aqui intimidada, não. Vim para realizar meu (pretensioso) sonho de transformar sua unidade”. E aí, no final do ano, a gente fez uma festa de Natal e eu desci para o pátio, sozinha com as presas, e não quis que a segurança entrasse junto. A diretora quase surtou. Falei: “Ou eu fico aqui dentro, junto com elas, ou não tem jeito. Não tem jeito de não ter respeito.”

Isso era muito importante para mim. Trabalhava 14 horas por dia. Mas foi passando o tempo e fui percebendo que não era mais possível. Primeiro, fui percebendo que estava num contexto muito complicado, em que a realidade estava muito além de poder fazer uma política legal para aquelas mulheres. Então, comecei a ficar desgostosa, mas muito inquieta também. Recebi uma proposta para assumir outro trabalho, ia ficar longe de cadeia. Estava, também, um pouco intoxicada com essa que era uma pauta meio universal na minha vida. E fui fazer outra coisa.

Assumi a coordenação de Recursos Humanos de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), ao mesmo tempo em que, muito inquieta, queria voltar a estudar, mas também precisava elaborar essa questão prisional. A sensação que eu tinha era de que estava muito imersa nela. Queria sair, mas não podia simplesmente não fazer nada com aquilo tudo que tinha vivido. Trabalhar na Piep⁷ foi algo que me deu também uma sensação de privilégio: porque pouca gente teve a oportunidade de estar lá, vivenciando o cotidiano de uma unidade prisional. Era algo que eu queria muito e me trouxe uma experiência diferenciada sobre uma realidade pouco conhecida.

Então fiz o projeto do Mestrado na UFMG, com a Cláudia Mayorga, uma pessoa que já tinha sido minha professora na graduação, de quem tinha uma boa referência. Na época, eu já tinha saído da Oscip e voltado para o governo do estado, trabalhando como gerente da política de penas alternativas, dentro da política de prevenção.

Ascensão profissional e racismo: *Tornar-se negra*

Na minha trajetória profissional, tive três promoções em três anos. Comecei como técnica, depois virei supervisora e depois diretora. Foi tudo muito rápido. E comecei, nesse movimento de ascensão, a viver muitos conflitos. As pessoas falavam que eu era muito brava, que era muito nervosa, muito isso, muito aquilo. Assim: “Você é competente, *mas...*” e eu não entendia o que era aquilo. Então comecei a ler livro de gestão, de como evitar conflitos, aquelas coisas de autoajuda. E

⁷ Nome por que é conhecido Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto, em Belo Horizonte.

continuava sem entender. Foi quando assumi o cargo no RH da Oscip, depois que deixei a Diretoria da Estevão Pinto.

Quando assumi, ocupei o lugar de uma mulher branca. Quando foram dar a notícia para ela, na minha frente, para que me passasse o trabalho, ela me olhou de um jeito... do tipo: “Não acredito que é você que vai me substituir”. Acho que ficou ofendida. A maneira como essa mulher me olhou deu uma sensação muito literal desta questão: de que vários dos conflitos e do mal-estar que eu vivia tinham a ver com estar ocupando lugares que não atribuíam a mim. Que as pessoas não queriam estar subordinadas a mim. Algumas falavam que era pela cara de novinha, isso e aquilo. Mas a questão racial começou a me pegar.

Estava muito mal, destroçada, quando meu companheiro na época, que estava fazendo uma matéria na UFMG, leu um livro da Neusa Santos Souza, “Tornar-se Negro”. Disse: “Dani, você tem que ler!”. Li o livro numa sentada e fiquei muito mal. Chorei tanto, tanto, tanto... porque pensei: como não tinha me dado conta desse ideal da branquitude? Porque o que ia acontecendo, era que em cada cargo que eu assumia, ia fazendo todo um esforço de alisar mais o cabelo, de ir de salto alto, de me vestir de “quase executiva”. Ia tentando usar esses artifícios para poder ser alguém respeitável. E quanto mais ia fazendo isso, mais fui entendendo que ia ficando uma caricatura, uma imitação de alguma coisa que eu não era.

Quando entendi, fez muita diferença, mas foi um sofrimento. A vontade que tinha era de voltar em todas as minhas terapeutas e perguntar: “Por que a gente nunca chegou a esse ponto?”. Isso mudou completamente a minha trajetória. Pedi demissão desse trabalho, depois de um tempo, e voltei para a universidade, para cursar a matéria dessa professora. Fui ler vorazmente todas as escritoras negras que podia e isso foi mudando minha percepção sobre várias temáticas.

Inclusive, uma crítica que se faz muito a quem é miscigenado, como eu, é: “Nunca tive que me tornar negra. Nunca tive esse privilégio de me tornar negra, porque enfrento o racismo desde sempre”. Eu vivia vários atravessamentos pelo racismo. E posso dizer que tive que ir mesmo criando essa consciência do que significava ser negra. Por mais que entendesse que era uma questão na minha vida, nomear que era racismo o que me atravessava, que precisava fazer o enfrentamento, foi uma construção muito tardia para mim. Me causou muito sofrimento não nomear essas coisas, porque as trazia para dentro de mim, duvidava de mim, achava que tinha que me superar e assim por diante.

Eu tinha um chefe, gosto muito dele, é meu amigo hoje; mas ele me matava de raiva. Por exemplo, quando eu era diretora do Programa de Inclusão de Egressos, tinha uma gestora, branquinha, advogada, que usava *scarpin*, daquelas meninas que o povo acha lindo estar

trabalhando num projeto social, porque resolveu trabalhar na periferia. As pessoas achavam por si só que ela já estava fazendo muita coisa. Eu, por outro lado, me empenhava muito para coordenar bem um programa complicado e com poucos recursos. E, às vezes, tinham uns conflitos brabos! Eu tinha esses embates, porque tinha a sensação de que estava ali fazendo um exercício enorme de conteúdo, que era isso que eu tinha. Em todos os espaços que eu cheguei, sem falsa modéstia, foi porque estudei, corri atrás, me dediquei. Mas via muita gente sendo promovida com muito menos critérios e exigências. Principalmente, pessoas brancas, nem sempre tão comprometidas com as complexidades do trabalho.

Eu queria que elas entrassem numa cadeia, que sentissem o cheiro fétido das celas; entendessem de onde as pessoas estão vindo, para não virem com soluções simplistas. Por exemplo: quando alguém morria na política de egresso, eu fazia o programa parar: “Por que que morreu? Quem é essa pessoa? Em que a gente falhou?” E as pessoas falavam: “Ah, morreu porque estava envolvido.” É lógico que estava envolvido! Senão, não tinha chegado para gente. Mas eu estava falando dos meus, e eles, dos outros. Eu era muito brava nessa época; depois, fui ficando mais estratégica, principalmente ao entender quais brigas comprar.

Quando cheguei a supervisora do programa de egressos, e teve uma possibilidade anterior de me tornar diretora, a superintendente me falou: “Dani, acho que você tem todas competências técnicas para assumir este cargo, mas você tem um temperamento muito difícil”. Aí vem aquela conversa que odeio sobre “forma e conteúdo”: “O que você coloca é muito bom, mas a forma como você coloca, não é”. Então, esperei cinco anos, mais ou menos, para voltar e assumir a diretoria do programa. Tinha que saber manejar minha força, senão poderia muito facilmente ficar estigmatizada. Até porque, muitas vezes, eu era a única negra. Na hora em que sentavam à mesa os diretores, coordenadores, e todos mais, eu era a única.

Devastação

No meio do processo seletivo para o mestrado, entre a escrita do projeto e as provas, descobri que estava com câncer de mama. E estava me separando. “Meu Deus, como vou fazer isso?”. Descobri em outubro, fui conversar com a Cláudia, minha orientadora, e ela falou: “Não desiste; vai para a entrevista, depois a gente pensa como faz”. Lembro que eu fui ao médico e tinha que começar a quimioterapia: “A única condição que tenho é que quero ir para a entrevista com cabelo”. Então, ele fez um cálculo: eram catorze dias para o cabelo começar a cair, mais ou menos.

Fiz a entrevista e passei no mestrado. E logo nesse momento, me convidaram para ser Diretora do Programa de Egressos (Presp), que era o programa de que já tinha sido supervisora. Então, eu estava com um diagnóstico de câncer, uma aprovação no mestrado e a Diretoria de um

Programa no qual queria muito trabalhar. Foi um momento maluco da vida, mas muito interessante também. Porque eu já estava, junto com tudo isso, cheia de leituras das mulheres negras, fazendo o processo de transição capilar. Assim: vou fazer uma mudança progressiva na vida. E veio tudo de uma vez. Devastou tudo. Eu me separei, mudei de casa, troquei de trabalho, fui fazer o mestrado. E já que não tinha cabelo, comecei a usar turbante. Falo que eu morri e voltei, nesse processo inteiro. E o mestrado foi muito esse processo de cura, de encontro comigo e com as mulheres com as quais eu estava conversando para fazer a dissertação. A sensação que eu tinha era de “quero viver”. E viver uma vida muito diferente, com outras questões. Foi um processo fortalecedor. E o resultado, a escrita, as entrevistas... foi uma maneira d’eu me ressignificar; de entender qual era a minha linguagem, qual era a história que queria contar, qual era o meu processo. Acho que foi um momento de cobrar uma autoria minha, um protagonismo na minha vida. “Quero ter a narrativa da minha história, até do pior que me acontece. Eu quero ser uma narrativa!” Essa perspectiva de saber como ia contar minha história me ajudou a ser muito respeitosa com a maneira como as mulheres contavam as histórias delas. Estava interessada no que elas falavam; nos silêncios – como elas me revelavam ou omitiam coisas.

4. Identidade e ancestralidade

Rasga tudo e começa de novo!

O que fez muita diferença para mim foi conseguir ampliar meu arcabouço para nomear as coisas de uma maneira política, e não introjetá-las. Sempre pensava que era uma questão ou de adequação ou de personalidade. O câncer foi o exemplo máximo disso: “Minha filha, para de tentar se adequar no mundo. Está errado! Você vai morrer tentando e não vai dar certo. Rasga tudo e começa de novo!”. Não foi à toa. Essa metáfora, de saber que matou boa parte das células do seu corpo e que a partir daí fez sangue novo – foi isso. Matar esse fantasma, exorcizar.

Junto com isso, veio a religião também. Ao mesmo tempo que eu ia para o médico, ia para a macumba. E a macumba falava: “Não, minha filha, é isso mesmo. É uma questão ancestral, vamos rever isso tudo”. Eu chegava no médico e ele falava: “Não acredito; o efeito da quimioterapia demora quatro dias nas pessoas. Por que em você dura dois?”. Respondia: “Porque fui lá no terreiro e fiz uma macumba”.

Fui buscando meus caminhos e as respostas. E é também uma resposta política essa busca das religiões de matriz africana, da ancestralidade, da cura e de entender essa dor. Tive um câncer na mama esquerda, entendi que essa dor era ancestral, vinha das mulheres da minha família que tinham problemas no útero. O sistema reprodutivo sempre dança quando são muitas as violências.

Neste momento, tive muitas conversas com a minha mãe, conversas difíceis. Quando fiquei doente, minha mãe se sentiu culpada. Porque durante meu cursinho pré-vestibular, estudava lá de manhã e à tarde, e não tinha grana para almoçar todo dia na rua. Então, eu levava as coisas e minha mãe fazia muito hambúrguer para comer no intervalo – e minha mãe ficou com uma culpa enorme. Pensou que eu tinha tido câncer porque comia hambúrguer demais. Um dia falou isso muito sentida para mim. “Não, mãe, não foi isso. São outras questões!” E aí a gente teve um momento de falar das nossas dores, dela falar das dores dela. No fundo, tinha a ver com a sensação de que ela não podia prover tudo o que queria. Ela tentou me dar o máximo, mas se pudesse, facilitaria ainda mais alguma coisa para mim. Foi um momento de encontro muito profundo nosso, em vários aspectos.

Minha família vem com várias histórias de negação da questão racial. Minha avó se casou três vezes e tinha uma espiritualidade muito forte. Ela já foi da umbanda. Foi da umbanda muitos anos, mas também, em determinado momento da vida, atribuiu às religiões de matriz africana todos os preconceitos. Em uma perspectiva de ter certa ascensão social, negou isso. Me lembro de, muito pequenininha, de na casa dela ter sempre Preto Velho, Menina de Angola. Mas isso virou meio que um tabu. Um recurso que a gente usa, mas que não apresenta. Uma coisa meio ambígua mesmo.

Sempre fui muito intuitiva, minha avó sempre falava. Quando era pequena, era metida a ler a sorte dos outros, e o povo falava que eu acertava. Então, esse algo místico sempre esteve presente. Mas fiz todo o rito da religião católica: batizado, primeira comunhão e crisma. E na faculdade, minhas inquietações se juntavam à inquietação relacionada à espiritualidade. Então fui em tudo: do Ayahuasca até a Igreja Evangélica. Budismo. Seicho-no-ie. Ia caçando as religiões, até que encontrei.

Em 2005, tive uma mentoria espiritual forte, uma pessoa que me ajudou muito e ela atendia incorporada. Fiquei com ela uns 5 anos e foi uma figura muito importante na minha vida. Depois que ela morreu, fui buscar uma casa, tendo essa experiência nas casas de umbanda, até que encontrei a casa do Pai Ricardo de Moura no CCPJO⁸. Batizei e entrei formalmente para a religião.

Quando batizei, tive que ficar certo tempo usando só branco, Ojá na cabeça, ficar de Guia, de Contraegum⁹, um monte de coisas. E lá vou eu para Assembleia Legislativa, onde trabalho, toda parafernada de coisas. Para mim não teve nada melhor, mas se fosse há um tempo, talvez sentiria constrangimento. Hoje me dá uma satisfação e orgulho de falar: “Eu posso estar nesse espaço. Mereço estar neste espaço e não quero esconder nada”. Mas também entendo que é um privilégio,

8 Pai Ricardo de Moura coordena a Associação de Resistência Cultural Afro-brasileira “Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente” (CCPJO), que atua desde 1966 no complexo da Pedreira Prado Lopes, em Belo Horizonte.

9 Ojá, guia e contregum: utilitários que fazem parte do ritual de batismo do Candomblé.

pois se tivesse outra formação, se eu fosse caixa de banco, não poderia fazer isso. Posso me expressar de determinadas formas hoje, porque ocupo lugares privilegiados, senão não poderia. E não poderia sequer ir com uma conta dos meus guias para o trabalho.

A religião como força, compromisso com uma comunidade, com algo que vai além de mim



Daniela e seu companheiro, Caio. Festa dos Pretos Velhos. Belo Horizonte, 2019.

Crédito: Acervo Pessoal

Por outro lado, também começo a fazer certo uso disso. Quero estar nesse espaço como uma mulher negra de umbanda. E aí percebo que é um movimento muito inverso daquele que eu tinha de querer ser comum, de pensar: “Qual é a roupa que a chefe de RH usa? Então vou comprar essa roupa, para poder dizer que estou pertencente”. Hoje, é muito mais como *eu* quero me apresentar. Então, a religião é um recurso muito importante, que ressignificou várias coisas. Significa força, compromisso com uma comunidade, com algo que vai além de mim.

Uma vez resolvemos ir atrás das pessoas que tinham o sobrenome Prado, porque a gente só tem até o registro da avó da minha mãe. Ela ficou sabendo que sua bisavó havia sido criada em uma certa fazenda, então a família inteira foi para esse lugar, no interior de São Paulo, para entender de onde vieram essas pessoas. Entramos no museu do local, onde tinha a referência à família Prado. Minha avó estava super contente e feliz: “vou achar quem foram os meus ancestrais, os meus antepassados”. Mas só tinham pessoas brancas no registro. O guia do museu explicou: “Não, minha senhora, quando os escravos foram libertos, muitos acabaram ficando com o sobrenome das fazendas de onde vieram, para ter referência da fazenda. Mas

aqui, a senhora não vai encontrar o registro, o nome dessas pessoas. Só tem da família que era dona da fazenda”. Minha avó começou a passar mal, quis ir embora.

Então, você não saber de onde veio, porque, como veio, é o apagamento de uma história. Por isso, a religião também é algo, nesse sentido, para além de uma fé. É algo que te conecta com uma dimensão daquilo que não conheço, mas tenho certeza que é meu.

5. Feminismo e feminismo negro

Custei a me nomear feminista.

Na faculdade mesmo, lia as feministas clássicas, pois fiz estágio na Delegacia de Mulheres, trabalhando com violência contra a mulher, por um ano. Então, a gente usava muito esse referencial das feministas, que abordavam a temática da violência contra as mulheres. Mas não me identificava com elas de jeito algum. “O que que essas mulheres estão falando?”. Essa teoria da divisão sexual do mercado de trabalho, eu não sabia fazer o contraponto, mas não me identificava com ela. Então, não acho que sou uma feminista, de uma maneira geral, não. O que estão trazendo, teorizando sobre a violência, não me ajudava em nada quando entrava na sala para atender mulheres que estavam apanhando, com situações muito complicadas. Eu tinha até com uma certa antipatia. Lembro de uma professora, a Karin Ellen Von Smigay, uma das grandes referências no feminismo até fora do Brasil; tinha muitas discussões com ela em sala de aula, porque para mim não fazia muito sentido.

Fui me identificando primeiro a partir da literatura. Ao ler Conceição Evaristo, Toni Morrison, Alice Walker... Lembro que quando li “*O Olho Mais Azul*”, falei: “gente, ela está perto de mim!”. Fui lendo mulheres que falavam de uma complexidade, dos atravessamentos de gênero e raça, e da relação com os homens negros também. É como se eu fosse descobrindo a minha comunidade. Aí descobri bell hooks, parece que eu sou amiga da bell hooks! E ela tem uma escrita que não é rebuscada por academicismos, é supercriticada por falar da experiência dela o tempo todo. Mas quando fala, eu penso: “é isso!” O conceito de ser insubmissa é tão interessante, me deu uma série de recursos que, aí, me fizeram aproximar de um feminismo, que é o feminismo negro. Mas também não acho que o feminismo negro seja universal. Tem que existir o feminismo negro e tudo o mais!

Isso tem a ver com a questão dos coletivos. Meu percurso sempre foi muito solitário, e ao fazer uma autocrítica, fui tentar entrar em coletivos. Mas é uma dificuldade muito grande para eu ficar. Fui percebendo que a minha participação oficial em alguns coletivos me colocavam diante de alguns compromissos que eu não estava querendo assumir. Uma certa prescrição de ser assim, de comprar briga com determinadas coisas, ou então fazer defesas cegas de coisas que não estava a fim de fazer. Por exemplo, a gente não poder denunciar os homens do nosso coletivo que estão

sendo machistas, “porque a polícia já criminaliza esses homens, o mundo já criminaliza esses homens, então nós mulheres negras não podemos criminalizar”. Mas os caras estão surfando na onda de fazer o que querem e bem entendem! Não, não vou. Então, tem o uso que é feito desses espaços de militância, e que se é chamado por uma coesão grupal, que muitas vezes não te permite fazer os enfrentamentos que se tem que fazer.

Um outro exemplo: as candidaturas negras. Quero apoiar as candidaturas, principalmente das mulheres negras, mas não pode ser um fechamento natural, automático. Às vezes, você não se identifica com as posturas ou propostas.

Cooptada por uma mulher branca?

Hoje assessoro uma deputada que não é negra, mas consigo estabelecer com ela uma boa relação de trabalho e reconhecimento. Por outro lado, nem sempre consigo com uma mulher negra, que estou querendo apoiar, que considere relevante o que estou sugerindo ou falando. Considero isso pouco proveitoso, quando poderíamos nos fortalecer ainda mais.

Hoje, no Legislativo, fico feliz com a possibilidade de transitar, de ter conhecido várias mulheres de diferentes lugares e coletivos, ter ampliado um pouco minha perspectiva do que é o feminismo. De participar do movimento do parto humanizado, ao mesmo tempo, estar discutindo a ocupação das mulheres, as mulheres na mineração. Diferentes pautas, vários olhares, lugares – é uma das coisas mais ricas do trabalho de assessoria parlamentar.

Vim de uma lógica do Poder Executivo, em que me especializei muito em um assunto. E no trabalho parlamentar, fui entendendo que existem vários feminismos, várias formas de pensar. Que as mulheres organizadas lá em Santa Maria do Suaçuí, a partir de uma questão local, relacionada ao hospital, criaram um coletivo de mulheres para disputar a eleição; e agora tem uma candidata a vereadora em uma cidade extremamente machista. Elas não tem nenhuma referência de leitura, do que é o feminino branco, o feminismo negro; desconhecem conceitos elaborados e violências que estão descritas na Lei Maria da Penha. Mas essas mulheres fazem um enfrentamento na vida real que tem muita riqueza! E a gente precisa reconhecer isso. Porque, muitas vezes, a gente é muito arrogante; centralizado e está em um lugar em que se sente no direito de nomear a experiência das pessoas e qualificá-las.

Eu nunca tinha visto Marília Campos na minha vida; ela também não me conhecia. Estava querendo uma coisa diferente, tinha acabado de defender o mestrado, então fui conversar com a Marília. Foi uma conversa muito honesta: “Nunca trabalhei no Legislativo, mas essa é a minha proposta. Se você quiser, quero aprender, estou querendo mudar de área”.

No início, foi um tormento. Era desconhecida no contexto político-partidário e muitas pessoas não entendiam porque a Marília tinha me escolhido. Eu era uma forasteira. Tenho muito respeito pela Marília nesse aspecto, porque não cheguei com sobrenome, com retaguarda, mas pela recomendação de uma colega que conhecia o meu trabalho. Foi uma oportunidade muito boa, de participar dos movimentos mais organizados, mas de não estar em nenhum, ao mesmo tempo. Transitar por eles me fez muito bem, ainda que representando um mandato. Sou assessora da Marília, mas as pessoas me reconhecem pelo meu nome. É a Daniela Tiffany. Fui conseguindo transitar por diferentes grupos, tanto no movimento negro como no de mulheres. E para além deles também.

O sentido do trabalho é servir e fazer diferença na vida das pessoas

Acho que ainda não fiz nada na vida. Tenho a sensação de que estou em treinamento. Tenho essa exigência grande comigo de fazer mais. Por exemplo, onde estou hoje é um lugar de que gosto, aprendo, mas não é meu espaço de protagonismo. Não estou nesse espaço de poder. Tenho satisfação pelas coisas que fiz, pela capacidade de contribuir e influenciar, mas anseio pelo que ainda posso fazer. Quero aprender mais e usar toda a minha experiência para fazer algo que ainda nem imagino. Quero estar pronta para alguma coisa que vá fazer diferença na vida de pessoas, de pessoas anônimas. Quando era mais nova, achava que seriam coisas grandes. Hoje não, talvez sejam menores, mas que eu tenha a sensação de que impactou a vida de alguém. Na gestão pública mesmo, porque queria que em algum momento pudesse fazer algo que meu trabalho fosse mais significativo do que a minha pessoa. Esse é o diferencial do que é servir, do serviço público.

Em algum momento, ser uma referência - isso é uma vaidade que eu tenho. Mas se num determinado lugar alguém falar: “Aqui foi realizado um trabalho que ajudou alguém e tal”, e ninguém nem souber que fui eu que fiz; mas se o trabalho estiver ali, vou me sentir satisfeita.

6. Mulher negra: Resistência e imortalidade

A descoberta do racismo é muito dolorosa. Na hora que falei que o nome disso é racismo, foi uma dor tão profunda que parecia que eu não ia mais parar de doer. Meu corpo inteiro doía. Essa dor maldita, não nomeada, é uma dor que te atravessa, te deixa impotente. Você tenta comunicar e não consegue dizer o que é. Ao mesmo tempo que foi a coisa mais difícil, me deu uma sensação de muita força, como se eu tivesse entrado numa corrente de resistência: se sobrevivo a isso, sobrevivo a muita coisa. É uma dor tão forte, que te deixa menos temerosa à dor. E te dá uma sensação de que tem que seguir adiante. Não tem escolha.

“O que você tem que fazer daqui para frente?” Penso na minha filha. E que não vou conseguir poupar de algumas dores. Então, como comunicar para ela que vai doer? E como dar para ela esses recursos?

Assim eu vejo as mulheres do meu terreiro, por exemplo. Você vai conversar com elas e estão sangrando, perderam alguém, a vida está difícil. Mas é para fazer alguma coisa? Então vamos fazer. E fazer bem-feito, pelos outros. Então, um ponto forte das mulheres negras é entender que o que não te mata, o que não te destrói, te fortalece. Não é com todas as mulheres negras, não é uma questão universal, mas é o espírito, está para além de nós. Minha mãe me fala uma coisa muito bonita: “Vamos, minha filha, está doendo, mas levanta, vai fazer. Não quero nem saber, vai dar um jeito”.

Apesar de ser muito cuidadosa no que é prático da vida, minha mãe é durona, nunca foi muito de adular. Mas foi interessante quando ficou sabendo que eu estava grávida. Um dia virou para mim e disse assim: “Ser avó é a melhor coisa que existe. Por que quando a gente é mãe, tem medo. E quando é avó, a gente tem a sensação de que fica imortal”. Que a gente imortaliza! É ela falando dessa coisa, dessa sensação de ancestralidade pela chegada da neta.

Se minha filha vivenciar um mundo menos opressivo; com mais chance do que eu de fazer determinadas escolhas; de ter acesso a determinadas coisas que sinto muito não ter descoberto mais cedo... Se a Joana tiver os horizontes mais alargados, a luta da minha avó valeu a pena, a luta da minha mãe valeu a pena. Então, é essa a perspectiva de que não se encerra em mim; de que eu estou fazendo para um outro que vai colher daqui a duas gerações. Acho isso um ponto forte das mulheres negras.



Consigo pegar aspectos que poderiam ter sido elementos de grande derrota na minha vida, de grande fraqueza e falar: “Não! Vou fazer alguma coisa com isso e vai render algum fruto”. Aprendi isso com as mulheres lá de casa, vendo a história de vida da minha mãe e da minha avó. São mulheres que podiam ter se dobrado muito antes, e continuaram. Cabe a mim, ir mais além.

Palestra sobre mulheres e poder. Barbacena, 2018.

Crédito: Acervo Pessoal

Patrícia Maria de Souza Santana

Mônica de Cássia Costa Silva

Marina Alves Amorim

6

PATRÍCIA MARIA DE SOUZA SANTANA

1. História familiar e pessoal

Pais e irmãos

Eu nasci em Belo Horizonte, no dia 17 de dezembro de 1964. Foi no Hospital São Francisco, no bairro Concórdia, onde morei durante parte da minha vida. Minha mãe conta que chovia muito no dia do meu nascimento, faltou luz e era dia de jogo do Atlético. Não tinha médico, quem fez meu parto foi uma parteira – ainda tinha essa prática de ter parteira no hospital.

Meus pais são vivos até hoje, graças a Deus. A minha mãe nasceu em 1938. Ela é filha de um pai retirante nordestino, que veio do interior de Pernambuco no *pau de arara*. Naquela época, nas grandes secas do Nordeste, as famílias tinham o hábito de doar os filhos para outras famílias, para tentar garantir a sua sobrevivência. Meu avô não aceitou aquela situação e